

MARIO JÚNIOR & CRISTIANE FINGER

marioabelbj@gmail.com; cristiane.finger@puccrs.br

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA – UNISUL | PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS, BRASIL**

A TELEVISÃO E A FORMAÇÃO DE UMA MEMÓRIA TELEAFETIVA

RESUMO

Este estudo objetiva discutir a função da televisão como dispositivo para a formação de uma memória teleafetiva do telespectador. Analisa o Canal Viva no Brasil, do Grupo GloboSat, que consiste numa programação que, na sua maioria, pertence ao arquivo da Rede Globo de Televisão e possui uma grade formada por telenovelas, programas de humor, musicais, seriados, filmes antigos e algumas produções do próprio canal. Como metodologia aplicada, utilizamos a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), a qual estabelece a investigação sobre os sentidos semânticos dos comentários dos telespectadores publicados no site de rede social Twitter, observando os verbos, os adjetivos e expressões que proporcionam um sentido. Os resultados mostraram que, além de afetiva, há uma memória teleafetiva, resultante dos efeitos emocionais advindos com a televisão, da socialização e dos afetos construídos com os grupos de referência. Os grupos de referência interferem para a aquisição dos sentimentos e a TV consiste num destes conjuntos, que além de auxiliar na formação dos afetos, tem a possibilidade de atuar como objeto de evocação da memória.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; televisão; memória teleafetiva; redes sociais; Canal Viva

INTRODUÇÃO

Para Wolton (1996), a televisão cria um laço social justamente nesta função de religamento, que nos insere em uma unidade. Serve como instrumento de comunicação entre indivíduos pelo fato de pautar suas conversas sobre o que se vê na TV e não ao que se assiste. Por isso ela é um objeto que possibilita a conversação, dentro e fora de casa, sobre o conteúdo

exibido: “nisso é que ela é um laço social indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam frequentemente isolados e, às vezes, solitários” (Wolton, 1996, p. 16).

O objetivo desta pesquisa é discutir a função da televisão como elemento socializador capaz de formar uma memória teleafetiva no telespectador. Estudar esta relação afetiva e emocional da audiência nos interessa para compreendermos como isso pode alterar um comportamento e provocar reações a partir de uma programação reexibida tempos depois.

Como objeto de estudo analisamos o Canal Viva, do Grupo GloboSat, que em maio de 2017 completou sete anos no ar. Estreou no dia 18 de maio de 2010. A programação, na sua maioria, consiste de produtos que pertencem ao arquivo da Rede Globo de Televisão. Essa grade é formada por telenovelas, programas de humor e musicais, seriados, filmes antigos e algumas produções do próprio canal.

Como procedimentos metodológicos, utilizamos a análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2011). Com ela é possível classificar e categorizar as mensagens. Definimos estudar os sentidos semânticos descritos, avaliando verbos, adjetivos e expressões, que direcionam a um entendimento sobre o que pensam, fazem e recordam o público que assistiu no Canal Viva, em 2016, a telenovela *Laços de família*.

Os resultados expõem que a memória teleafetiva evidencia a reformulação de um laço social, fortalecida pelos grupos de referência, auxiliando na constituição de memórias e afetos.

TELEVISÃO: FUNÇÃO E RELAÇÃO SOCIAL

Estamos sempre diante de algo que é contado. Orozco (2014, p. 97) observa que na TV há uma série de narrativas inesgotáveis de histórias, “algumas com pretensão de serem reais, outras apenas ficção”, que transformam a TV em uma “tecnologia em ebulição”. Considerada um objeto desejado e mobilizador de boa parte de um país, é nesta ebulição que se situam as expectativas da sociedade em relação ao que é exibido.

Para Orozco, a TV foi e continuará sendo uma instituição educadora, mesmo que, às vezes, atue de forma involuntária. “A TV nos ensinou, nada menos, do que sermos espectadores!”, diz ele (Orozco, 2014, p. 98). Espectadores bons ou ruins para o desgosto dos críticos da mídia e alegria dos anunciantes. Somos, neste sentido, espectadores conformados com a audiência e aprendemos a gostar do tipo de espetáculo que nos faz chorar e rir e acreditar no que é dito (Orozco, 2014). No entanto, por todas as

discussões que possam surgir sobre a televisão, positivas ou negativas, ela constitui uma ligação com o grande público ao oferecer, não mais somente em sua casa, mas também em aparelhos móveis, uma variedade contínua de imagens.

Não é um objeto nobre, segundo Wolton (1996), pois possui discursos convencionados e clichês. Todavia é aceite. Não é unívoca, ou seja, não se tem uma única interpretação quando analisada por intelectuais, pesquisadores e público em geral. Conforme as etapas de sua existência, a televisão pôde ser avaliada de forma diferente e, de acordo com o autor Wolton (1996, p. 46), apresentar-se como “testemunha, companhia ou lembrança”.

Acreditamos que isso ocorreu nas fases da televisão, tendo em vista a oferta e o efeito provocado na audiência. “A TV é um dispositivo audiovisual poderoso pelo seu alto grau de fidelidade e verossimilhança na re-produção de realidades”, diz Orozco (2014, p. 99). Porém configura um objeto representado e não uma realidade. É sempre uma produção, explica o autor, próxima da imagem original.

Este enquadramento acontece em função da continuidade de imagens, que, em alguns momentos, segundo Martin-Barbero e Rey (2001), se dá pela tela acesa. De certa forma, o dispositivo luminoso que projeta imagens em movimento constitui “molduras” de realidades, que podem ser reais ou não. Projeção essa que ocorre por estarmos diante de uma “abertura” sobre a qual vimos o mundo representado. Cádima (2006, p. 34) explica que a TV, desde a sua existência, mesmo exibindo de modo transparente o cotidiano, expondo de forma contínua sessões ambíguas e perigosas, é considerada “uma janela aberta sobre o mundo”. Uma janela que, para o autor, faz crer uma ilusão das aparências, um mundo construído pela própria televisão: “não há dúvida, pois, que o Mundo está perigoso. Não há dúvida, pois, que a televisão está perigosa. Resta saber, talvez pensar, quem é que abre a janela a quem” (Cádima, 2006, p. 34).

Ao refletir sobre quem traz estas “aberturas”, Cádima (2006) explica que a essência da televisão é a reprodução de uma realidade. Tanto nos telejornais, quanto na ficção, o que vimos são acontecimentos e situações que ela, a TV, determina e “escolhe”.

Dentro de uma visão sociológica, para Wolton (1996), o problema essencial da televisão é manter a relação entre o consumo individual de uma ação que é coletiva. São as duas dimensões contraditórias que fazem o seu sucesso. Consiste em oferecer algo particular em uma atividade que é coletiva: “é a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que

faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea” (Wolton, 1996, p. 15). Sozinhos e em casa, acompanhamos uma programação para nos satisfazer, mas que é produzida para um grande grupo. Isso pode ser um desafio, visto que possuímos preferências distintas em relação ao formato e gênero televisivo.

Compreender o que se quer e quem é este público se faz necessário para o futuro do meio. Há, como dito por Wolton (1996), os que buscaram entender o caminho da fragmentação do público e os que, assim como ele, pensaram que a grande força da televisão está na incerteza do encontro entre oferta e procura.

MEMÓRIA E MEMÓRIA TELEAFETIVA

A memória é considerada um espaço onde guardamos as informações que adquirimos ao longo da vida, um lugar de armazenamento. As lembranças surgem porque estão inseridas neste ambiente. São emitidas cada vez que a memória é chamada, ou seja, só é possível “chamar” as recordações porque estão dentro de uma memória (Izquierdo, 2016).

Além de ser evocada, a memória exerce um papel sociocultural relevante, na medida em que traz contextos significativos para a compreensão de como vivem e atuam as sociedades.

Izquierdo (2011, p. 11) destaca que a memória consiste na “aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. O sujeito adquire porque aprende e, por isso, só registra o que foi aprendido. É a partir deste registro que as evocações aparecem. Para o autor, a “evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos”.

No entanto, este arquivo também acontece em função do contato social e coletivo que possuímos. Aprendemos e guardamos reminiscências pelo contato com outras pessoas e com os grupos de referências.

É importante pensar neste aspecto, visto que a memória vem trazer esta reconstrução sobre uma lembrança, seja através de amigos, familiares ou até mesmo revisitando uma cidade, um conhecido ou antigo local de trabalho. Todos trarão recordações que serão otimizadas diante da interferência do hoje, mas que tem por base uma interação social.

A visita aos lugares faz lembrar fatos que podem ser pessoais, únicos. Todavia, estão ligados também a outros sujeitos, pelo mesmo ambiente e espaço provocador da lembrança. A coletividade se dá por este mesmo ponto.

Como diz Halbwachs, as nossas memórias continuam coletivas e são acionadas por outros, mesmo em situações e eventos (como ele gosta de referir), em que estivemos sós. Para ele, o sujeito nunca está sozinho: “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (Halbwachs, 2003, p. 30).

A presença do indivíduo em um grupo não necessariamente deve ser física, mas na forma adotada para retomar às formas de pensamentos e vivências proporcionadas pelo grupo: “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (Halbwachs, 2003, p. 31). Esta participação coletiva vai além da presença física, pois está ligada a outras formas de “estar junto”.

Da mesma forma em que ao viajar sem a presença de uma companhia a um país desconhecido, mesmo só, sem ninguém próximo para conversar, outros indivíduos estão ali, constroem juntos os pensamentos e as lembranças sobre aquele lugar.

O mesmo podemos relacionar com o hábito de assistir TV. A programação apresentada por ela faz com que as pessoas tenham contato com um outro grupo de referência, neste caso as pessoas, as histórias e todos os conteúdos inseridos nela.

A televisão consiste em um dispositivo que produz imagens e lembranças constantes aos telespectadores. Ao reprisar um programa, esta expõe elementos que serão percebidos e, com isso, uma recordação será impulsionada. O arquivo televisivo carrega consigo esta qualidade de rememorar um tempo passado.

Acreditamos que, quando essas reminiscências são compostas por sentimentos, temos uma memória que, além de afetiva, passa a ser teleafetiva, faz vibrar ainda mais o pensamento, visto que a TV envolve os indivíduos em experiências individuais e coletivas, de forma igualitária, como definido por Wolton (1996).

O *déjà-vu* na televisão possibilita laços constantes. Quem assistiu a uma programação há tempos está inserido num laço social. Assim, quando revê a cena, além do laço formado naquela época, outros são constituídos, a partir de uma memória resgatada.

Chamamos de memória teleafetiva essa que é reconquistada, reformulando novamente uma experiência, que é reconstruída por um tipo de emoção e de afeto. Como explicado por Halbwachs (2003), em alguns momentos, é preciso fazer dos depoimentos exteriores uma espécie de

mente de rememoração para que possa fazer surgir as lembranças. A TV executa este papel. Consiste em um dos elementos externos que auxiliam na volta ao passado.

Esta memória teleafetiva é a responsável por recuperar e reformular reminiscências reconstituídas a partir das imagens exibidas na televisão e pelos afetos em torno das vibrações provocadas por ela. Além de socializadora (Ferrés, 1998), de laço social (Wolton, 1996), a TV pode ser um desses “lugares” (Halbwachs, 2003) que revisitamos e que são percebidos pelas nossas memórias.

Na análise a seguir aplicaremos este conceito nos comentários dos telespectadores do Canal Viva ao estar diante de imagens que são revisitadas.

TRAÇOS E APLICAÇÕES DA MEMÓRIA TELEAFETIVA

Para compreendermos a formação de uma memória teleafetiva para esta investigação, analisaremos as postagens realizadas no Twitter pelos telespectadores sobre a telenovela *Laços de família*, exibida pela primeira vez na Rede Globo no ano 2000 e reapresentada em 2016 no Canal Viva.

Para este artigo selecionamos 29 mensagens com a expressão “laços de família”, que evidenciassem algum tipo de recordação, aplicando como procedimento metodológico a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), observando os sentidos semânticos das publicações.

Diante disso, nos comentários abaixo, percebemos as expressões “gostava”, “era chique” e “tornei fã” como conteúdos que direcionam alguma satisfação, mas que consistem em verbos conjugados no tempo passado, o que entendemos como referências de memórias advindas da telenovela *Laços de família*.

Lembro q gostava muito dessa personagem de Debora Secco nessa novela. #LaçosDeFamilia

Na época de #LacosDeFamilia era chique dirigir falando ao celular. #LacosDeFamiliaNoVIVA

@nononono @gio_antonelli foi em #LaçosDeFamilia que me tornei fã da Gio. Eu tinha 11 anos e tb fã da @cadiackmann MUSAS

Vimos um sujeito manifestar a lembrança pela sua preferência, ao dizer seu gosto pela atriz Deborah Secco; outro fez menção a um período em que se podia dirigir e falar ao celular ao mesmo tempo; e uma terceira pessoa estabeleceu um diálogo com um amigo ao marcar com “@” o perfil de outro usuário. Nesse, o sujeito lembrou que tinha 11 anos quando conheceu melhor as atrizes Giovana Antonelli e Carolina Dieckmann através da telenovela.

Os comentários acima expõem algumas das lembranças que o Canal Viva proporcionou. Novamente percebemos que, mesmo constituindo uma atividade individual, há uma relação coletiva na memória. O fato de lembrar como era fã da atriz e que gostava de uma personagem confirma que há outras pessoas e grupos na constituição de memórias. Neste caso, o Canal Viva apresenta a função de socializar (Ferrés, 1998; Wolton, 1996) e impulsiona, com as reprises, recordações que são coletivas. Um dos sujeitos lembrou a idade, 11 anos, ao rever as personagens. Halbwachs (2003) diz que a memória é adquirida pela participação do indivíduo em grupos de referência. No ano 2000, quando a telenovela foi exibida pela primeira vez, esse telespectador pertencia a grupos de referência e a narrativa das 21 horas, transmitida pela Rede Globo, provavelmente, era um deles. Em 2016, quando ele assiste novamente “aquele grupo”, as memórias aprendidas (Izquierdo, 2011) são recuperadas. Consiste numa relação teleafetiva da memória, visto ser a TV este lugar de pulsões, que recria um laço social com a interferência do passado.

O mesmo acontece com as lembranças de uma trilha sonora.

#LaçosDeFamília ótima trilha sonora, ótima nostalgia??

Sou muito apaixonado por essa música desde pequeno e não me aguento de emoção por voltar a novela. #LaçosDeFamília <https://t.co/8OylxoG3U1>

Nestes comentários percebemos duas pessoas escrevendo sobre a emoção que sentem ao escutar as músicas de *Laços de família*. O primeiro considera ótimas as canções e vem o sentimento nostálgico. O segundo se refere à paixão que sente pela música e que desperta emoção ao rever a telenovela.

Importante refletirmos sobre isso. São duas “falas” significativas, pois trazem questões emocionais fortes. Este “voltar à novela” confirma a programação do Viva como um lugar de visitação (Halbwachs, 2003). O telespectador volta no tempo ao estar diante do programa assistido. As

trilhas sonoras das telenovelas podem ser estes “lugares”, assim como as personagens da história e outros elementos que fazem o enredo. Nos comentários abaixo, percebemos as saudades de atores e atrizes e como as reminiscências podem levar a outros objetos, não só aos que estamos assistindo no momento.

Que saudade que eu tava da Marly Bueno <3
#LaçosDeFamília

Ihhh...Antony e Dona Nenê!!!! Me deu uma saudade de verdades secretas!!!! #Laçosdefamilia

NÃO consigo lembrar a música de abertura de #Laçosde-Familia. Só me vem o “quando a luz dos olhos meus..” de Mulheres Apaixonada kkkk

Relacionamos que a televisão pode trazer desdobramentos quando aciona recordações. As memórias evocadas, quando diante da reexibição do Canal Viva, impulsionam para outras memórias. Isso consiste na força da TV como mecanismo de recuperação de reminiscências.

No que se refere à memória, *Mulheres apaixonadas* e *Verdades secretas* podem ser referências de boas histórias e emoções sentidas, visto a lembrança delas. Ferrés (1998) explica que, num processo de transferência afetiva, há elementos positivos e negativos, tanto para coisas ou pessoas, e que isso ocorre em função dos sentimentos transportados.

#lacosdefamilia bate uma nostalgia louca

Nossa, tá passando #LaçosDeFamília, e que saudade ? Primo da Talitinha nesse tempo era só o filé ??

Eu estou só querendo a novela que marcou minha vida #LacosDeFamilia e é no @canalviva as 23h45 <https://t.co/RpbvotbznV>

Consideramos as saudades comentadas acima como positivas. Trouxe novamente a nostalgia, a lembrança de um tempo e de um período importante na vida de um dos telespectadores.

Há uma memória afetiva nesses *tweets*. A telenovela proporciona ao sujeito recordações que manifestam emoções. Como visto, Le Breton (2009) destaca que estamos emocionalmente ligados ao mundo de forma

afetiva. Um dos comentários descreve uma “nostalgia louca”. Ao analisarmos o sentido da expressão, percebemos algo que é bom de sentir. O ser nostálgico, por ser um elemento afetivo, faz bem. Consideramos uma emoção positiva, de acordo com as considerações de Le Breton (2009), pois as emoções carregam traços da memória de um indivíduo que pensa e agrupa as lógicas pessoais e sociais, com base no que vê sobre os outros e sobre o mundo. Consideramos a nostalgia um sentimento que surge desta relação das pessoas e com o que está ao seu redor. A televisão auxilia nessa construção.

No entanto, as lembranças evocadas por *Laços de família* possuem alguns aspectos negativos. Assim como vimos comentários bons sobre personagens e atores, ao classificarmos, seguindo as concepções metodológicas, percebemos algumas recordações não positivas. As expressões “insuportável”, “fugiu de uma festa a fantasia”, “não suportava”, “compartimento do inferno” demonstram isso.

Lembrando o qt a Clara é insuportável #laçosdefamilia

Essa Ciça era uma personagem insuportável. Acabei de lembrar que não gostava dela. #LaçosDeFamília

Ciça parece que fugiu de uma festa a fantasia dos anos 80. #LaçosDeFamília

@canal.....nessa novela #LaçosDeFamília não suportava o personagem de Débora secco. ...chata e nojenta!!!

Muito quente no Rio de Janeiro...Lembrei da Branca: Que calor é esse?

Isso aqui tá parecendo o compartimento do inferno... #LaçosDeFamília

Em todos esses *tweets*, os telespectadores descreveram lembranças ao assistir *Laços de família*. Mesmo nas lembranças negativas percebemos um sentimento descrito. Le Breton (2009) explica que o amor e a raiva estão mais propícios a enraizarem e a estar mais nas práticas vividas no dia a dia. São reflexos de emoções vivenciadas. A memória afetiva, nesse caso, é retomada por essas irritações e aversões, advindas da experiência televisiva, mesmo 16 anos depois. Ao reconstruir esses laços sociais,

carregados de vibrações pelas emoções evocadas pela TV, constrói-se a memória teleafetiva.

Afirmamos que a memória afetiva do telespectador pode ser composta por coisas que o agrada ou não, dependendo do conteúdo que a televisão mostra, e, com isso auxiliam nas evocações. Se a memória é aquisição, formação e evocação de informações (Izquierdo, 2011), a programação do Canal Viva rememora algo que foi adquirido tempos atrás.

A telenovela *Laços de família* também trouxe recordações sobre momentos tristes na vida de alguns espectadores.

2000 foi um ano muito bom eu estava crescendo feliz numa escola que eu gostava e era bem aceita depois tudo virou merda! #Lacosdefamilia

#Lacosdefamilia me deixou deprimida kkkkkkkk poxa eu era feliz, saudável e nem era gorda.

#laçosdefamilia eu que era triste descrente desse mundo... Amo

Gente chorei tanto com essa novela #laçosdefamilia

Novamente percebemos memórias de afetos mais dolorosos e difíceis. Nas postagens, um telespectador descreve que, no ano 2000, era feliz, mas que agora, tempos depois, “tudo virou uma merda”. Na “fala”, presenciamos uma volta ao passado através da telenovela. Lembrou momentos naquele ano e que, para ele, eram felizes. O excerto remete para um sentimento de perda, de insatisfação com o tempo presente. O Canal Viva o fez retornar para aqueles momentos alegres.

O terceiro comentário acima demonstrou que, mesmo amando a história, lembrou que “era triste e descrente desse mundo”. Novamente outro sentimento negativo, mas mostra que, talvez, no presente, não sinta mais isso. Vimos a narrativa evidenciar uma descrença que ocorria durante a primeira exibição, mas que, ainda assim, existe um amor manifestado por ela.

Percebemos que a telenovela cria circunstâncias, conforme explicado por Halbwachs (2003), para que as lembranças possam ser despertadas. Assim, ao rever o artista em cena, mesmo anos atrás, o público lembra-se dele e lembranças afetuosas podem surgir.

Talvez naquele momento em que estavam vivendo as situações descritas, os telespectadores não demonstravam grande importância. Tornou-se grande na rememoração pela teleafetividade da memória.

Tempos depois, o mesmo laço, como já comentado, volta num sentido dúbio. Não esquecemos o tempo em que o primeiro foi “atado”. No presente, o reconstruímos com a interferência do passado e com as experiências.

Entretanto, após a análise desses dados, reafirmamos que há uma memória teleafetiva nos telespectadores de *Laços de família*, sendo ela aquela que é reformulada e recuperada por uma nova experiência ao rever na televisão, revisitando cenas de um tempo que trouxe pulsões com as recordações. O laço social foi reconstruído com as emoções e os afetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tamanha representatividade, a participação em rede do brasileiro permite olharmos desdobramentos sobre o consumo de televisão no país, os hábitos e expressões da audiência, frente a uma programação horizontal disponível em ambientes off e online.

Se na televisão aberta o impacto deste envolvimento do telespectador já desperta curiosidade, nos canais fechados, onde temos uma audiência mais restrita, peculiar e heterogênea, o interesse por investigações referentes a eles torna-se singular.

Com o término desta investigação, confirmamos que, além das afetividades que cada telespectador manifesta, há uma teleafetividade que predomina e justifica a audiência do canal.

Este fenômeno pode ser explicado, porque há um prazer em voltar ao passado com as imagens da televisão. Ela agrada, porque traz novamente um laço social, reconstruído com as reminiscências e com as experiências coletivas e individuais atuais do sujeito. Possuímos memória afetiva desde pequenos. Somos formados por sentimentos e as pessoas que estão ao nosso lado auxiliam nisso. Os grupos de referência interferem na aquisição dos sentimentos.

A TV consiste em um destes grupos, que, além de auxiliar na formação dos afetos, tem a possibilidade de atuar como objeto de evocação da memória. Por isso, a memória do telespectador não é somente afetiva e sim teleafetiva por conta da relação de uma experiência televisiva, que só ela é capaz de fazer.

Trata-se de um laço social que traz de volta o “estar com”. As sensações nostálgicas descritas pelos internautas foram decisivas para concluir que o sujeito sempre recorda por intermédio de outras pessoas. A coletividade e a socialização são fatores que determinam a memória e os afetos.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Cádima, F. R. (2006). *A televisão ‘light’ rumo ao digital*. Lisboa: Rés XXI / Formalpress.
- Ferrés, J. (1998). *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed.
- Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Izquierdo, I. (2011). *Memória*. Porto Alegre: Artmed.
- Izquierdo, I. (2016). *Memória e recordação: esclarecimento*. Entrevistador: M. A. Bressan Junior. Porto Alegre: Inscer – Instituto do Cérebro.
- Le Breton, D. (2009). *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Martín-Barbero, J. & Rey, G. (2001). *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC.
- Orozco, G. (2014). Televisão: causa e efeito de si mesma. In M. Carlón & Y. Fachine (Eds.), *O fim da televisão*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento.
- Wolton, D. (1996). *Elogio do grande público: uma crítica da televisão*. São Paulo: Ática.

Citação:

Júnior, M. & Finger, C. (2019). A televisão e a formação de uma memória teleafetiva. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 506-517). Braga: CECS.